

## POR UM LIVRO DE REGISTRO LITERÁRIO URBANO: LEITURAS DA CIDADE

FOR AN URBAN LITERARY RECORD BOOK: READINGS OF THE CITY

PARA UN LIBRO DE REGISTRO LITERARIO URBANO: LECTURAS DE LA CIUDAD

Ana Carolina Mendonça Oliveira<sup>1</sup>

**RESUMO:** A pesquisa visa refletir sobre a cidade a partir de sua vitalidade, usando como chave de leitura do tecido urbano a literatura. A condução da pesquisa se deu a partir dos seguintes romances: Eles eram muitos cavalos de autoria de Luiz Ruffato e Passageiro do fim do dia de autoria de Rubens Figueiredo. Assim, ao longo do texto teóricos da cidade irão dividir reflexões acerca do tecido urbano com romancistas e seus respectivos personagens. Por fim a reflexão avança no sentido da literatura como central para a compreensão das tantas e diversas possibilidades de leitura da cidade e cotidianos que a formam, em particular, da cidade do Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** Literatura. Cidade. Cotidiano. Diversidade.

1

**ABSTRACT:** The research aims to reflect on the city from its vitality, using literature as a key to reading the urban fabric. The conduction of the research was based on the following novels: They were many horses by Luiz Ruffato and Passageiro do fim do dia by Rubens Figueiredo. Thus, throughout the text, city theorists will share reflections on the urban fabric with novelists and their respective characters. Finally, the reflection advances in the sense of literature as central to the understanding of the many and diverse possibilities of reading the city and everyday life that form it, in particular, the city of Rio de Janeiro.

**Keywords:** Literature. City. Everyday life. Diversity.

**RESUMEN:** La investigación pretende reflexionar sobre la ciudad desde su vitalidad, utilizando la literatura como clave de lectura del tejido urbano. La conducción de la investigación se basó en las siguientes novelas: Eran muchos caballos de Luiz Ruffato y Passageiro do fim do dia de Rubens Figueiredo. Así, a lo largo del texto, los teóricos de la ciudad compartirán reflexiones sobre el tejido urbano con los novelistas y sus respectivos personajes. Finalmente, la reflexión avanza en el sentido de la literatura como central para la comprensión de las muchas y diversas posibilidades de lectura de la ciudad y de la cotidianidad que la componen, en particular, la ciudad de Rio de Janeiro.

**Palabras clave:** Literatura. Ciudad. Cotidianidad. Diversidad.

---

<sup>1</sup> Dra. em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal Fluminense.

## INTRODUÇÃO

Uma cidade é composta de infraestrutura urbana, habitações, estabelecimentos comerciais, espaços públicos, mas também de pessoas, memórias, aspirações, sonhos e desilusões de várias gerações que percorreram suas ruas. Essa diversidade deixou marcas que estão na dança, no futebol, na fé, nas brincadeiras de rua, na alimentação e nas relações afetivas, por exemplo. Nesse sentido, esses traços inscrevem o homem no tempo e no espaço, pois, como Le Breton escreve, “o homem está afetivamente presente no mundo”<sup>2</sup>.

É importante observar, ainda, que, de modo complementar existe uma relação de reciprocidade identificada por La Rocca<sup>3</sup> entre a cidade e as pessoas. Ele pontua que “um não pode existir sem o outro e que, se a cidade molda os indivíduos com a especificidade de seus espaços, os indivíduos, com suas produções estilísticas e vivências dentro e, através do espaço, conotam as características de uma cidade”<sup>4</sup>. Dessa forma, a vitalidade das cidades é, em parte, resultado da mistura de usos, do cotidiano, das afetividades e da memória acumulada daqueles que por ela passaram.

Esse caráter múltiplo da cidade transforma o exercício de ler a cidade em algo potencialmente sem um resultado objetivo, uma vez que ela, nessa perspectiva, se apresenta como um imbricado de fios em uma complexa trama. Todavia, existe nesse emaranhando um incrível potencial metodológico, uma vez que a clara e honesta elaboração de um eixo de observação dessa cidade, resulta em uma chave de leitura de diversas e possíveis narrativas da cidade.

De modo particular o presente trabalho se propõe a observar a cidade a partir de sua vitalidade, usando como chave de leitura do tecido urbano a literatura. Assim, ao longo do texto teóricos da cidade irão dividir reflexões acerca do tecido urbano com romancistas e seus respectivos personagens. A condução da pesquisa se deu a partir dos seguintes romances: *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo<sup>5</sup>; *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato<sup>6</sup>. É importante, nesse sentido, compreender a literatura não como mero pano de fundo ou contextualização de uma cidade, mas sim como parte pulsante do que Renato Cordeiro Gomes<sup>7</sup>

<sup>2</sup> LE BRETON, D. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 9.

<sup>3</sup> LA ROCCA, F. *A construção social das emoções: corpo e produção de sentidos na comunicação*. (Org.) Denise da Costa Oliveira Siqueira. Porto Alegre: Sulina, 2015.

<sup>4</sup> *idem*. p. 173.

<sup>5</sup> FIGUEIREDO, R. *Passageiro do fim do dia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

<sup>6</sup> RUFFATO, L. *Eles eram muitos cavalos*. 11<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

<sup>7</sup> GOMES, P. C. *O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

chama de Livro de Registro da Cidade. Nele estariam a produção e o conteúdo da cidade registrados tendo como base documentos, inventários, mapas, fotos, caricaturas, crônicas e a literatura, por exemplo. Para ele através desses vetores a cidade é “inscrita enquanto texto, lugar sínfíco do mundo dos discursos, do material e do político”<sup>8</sup>. Em uma referência a Ítalo Calvino, Gomes<sup>9</sup> destaca ainda que no livro de registro da cidade está presente toda a tensão entre a racionalidade geométrica e o emaranhado da existência humana.

De modo complementar, a vitalidade urbana também é produto dessa tensão e dialoga de forma direta com a diversidade de usos da cidade. Indo além, em uma análise sobre as ruas Jane Jacobs<sup>10</sup> destaca que quanto mais o número de estranhos em uma rua, mais divertida ela pode ser, na sequência ela pontua que “as cidades não apenas têm espaço para essas diferenças e outras mais em relação a gostos, propósitos e ocupações; também precisam de pessoas com todas essas diferenças de gostos e propensões”<sup>11</sup>.

Assim, a pesquisa se desenrola seguindo fios da trama urbana, local de tensões e disputas propondo uma leitura urbana que reflita a analogia utilizada por Ítalo Calvino ao escrever que “o cristal é forjado pela chama”. Na referência, a racionalidade geométrica é o cristal e o emaranhado das existências humanas assume o corpo da chama, de modo que “não há possibilidade de leitura da cidade que possa se ater em apenas uma única esfera de representação - se faz necessário uma leitura que coadune os dois elementos”<sup>12</sup>.

## MÉTODOS

A presente investigação adota uma abordagem qualitativa e exploratória, estruturando-se através de uma revisão bibliográfica densa e da análise interpretativa de obras literárias compreendidas como chaves de leitura do tecido urbano. O delineamento metodológico partiu de um recorte intencional composto pelos romances contemporâneos *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato, e *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo, selecionados por apresentarem narrativas que evidenciam o acúmulo de anônimos e as tensões da cidade em conflito. Estas obras foram utilizadas para tensionar a racionalidade geométrica da urbe com o emaranhado da existência humana, fundamentando-se em conceitos de vitalidade, legibilidade e “guerra de relatos” propostos por autores como Jane Jacobs, Ítalo Calvino, Renato Cordeiro

<sup>8</sup> *idem.* p. 23.

<sup>9</sup> *Idem.*

<sup>10</sup> JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 41.

<sup>11</sup> *Idem..* p. 42.

<sup>12</sup> PATROCÍNIO, PRT. *Ler a cidade pela janela de um ônibus*. Providence, ano 26, n. 48. Brasil, 2013. p. 34.

Gomes e Michel de Certeau. O procedimento analítico envolveu o levantamento e fichamento de passagens que descrevem a interação dos personagens com o espaço público e os deslocamentos urbanos, permitindo estabelecer correlações entre os fragmentos literários e os conceitos urbanísticos de diversidade e vitalidade. Por fim, a pesquisa culminou numa síntese que posiciona a literatura como parte integrante de um "Livro de Registro da Cidade", capaz de captar dinâmicas que escapam aos inventários tradicionais. Por utilizar exclusivamente fontes bibliográficas e literárias de acesso público, o estudo prescindiu de submissão a comités de ética, reconhecendo como limitação o carácter subjetivo das representações analisadas, que visam oferecer frestas de compreensão sobre a homogeneidade da vida no Rio de Janeiro

## RESULTADOS

Inicialmente, é importante reafirmar, que a presente pesquisa comprehende a cidade também como um discurso, e elaborar um léxico de significações para ela é uma tarefa absurda nos termos de Barthes<sup>13</sup>. Por exemplo, a um bairro central - zonas exaustivamente estudadas do ponto de vista sociológico - podem-se atribuir diversas funções, em uma lista que deve ser constantemente completada, enriquecida, e, ainda assim, esta representará apenas um nível elementar das representações da cidade<sup>14</sup>. Isso porque "os significados são como seres míticos, de uma extrema imprecisão, e, num certo momento, tornam-se sempre os significantes de outra coisa: os significados passam, os significantes ficam"<sup>15</sup>.

Nesse contexto, a construção de imagens faz parte da narrativa sobre a cidade. Barthes afirma que ela "é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala aos seus habitantes, nós falamos a nossa cidade, a cidade onde nos encontramos"<sup>16</sup>. Assim,

ao falar de imaginário urbano – que entendo como modalidade específica do fenômeno mais amplo das representações sociais – suponho imagens estruturadas e operadas a partir de grupos sociais e práticas espaciais específicas e não simples conjuntos de imagens, refugiadas nas mentes ou na consciência dos indivíduos<sup>17</sup>.

As informações levantadas a partir da análise de aspectos culturais são uma "forma de compreender como a sociedade se organiza"<sup>18</sup>. Isso porque a cultura, em suas diversas

<sup>13</sup> BARTHES, R. **A aventura semiológica**. Lisboa: Edições 70, 1985

<sup>14</sup> *Idem*.

<sup>15</sup> *Idem*. p. 186.

<sup>16</sup> *Idem*. p. 184.

<sup>17</sup> MENESES, U. **A cidade como bem cultural** – Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance na preservação do patrimônio ambiental urbano. In: MORI, Victor Hugo et alli. (Org.) Patrimônio: atualizando o debate. São Paulo: 9<sup>a</sup> SR. IPHAN, 2006. p. 36.

<sup>18</sup> *idem*. p. 36.

manifestações e concepções, tem uma espacialidade própria. Essa espacialidade diz respeito tanto ao sentido físico restrito, como museus e teatros, quanto e, sobretudo, a uma espacialidade social e política<sup>19</sup>.

Dessa forma, é mister pontuar que a rua possui estreitos vínculos com a cultural local, entendida, aqui, como esse complexo de saberes e práticas que orientam as práticas de vida de diferentes grupos. É importante considerar, ainda, que a cultura não é um fator neutro. Ao contrário, ela é parte considerável na gestão de cidades. A partir daí, é importante notar como as políticas culturais vêm ocupando as agendas públicas, particularmente em sua relação com as transformações urbanas.

É nesse âmbito que o papel do Estado no desenvolvimento da cultura é potencializado sob a égide do tripé cidade-empresa-cultura, responsável por impulsionar o discurso econômico, colocando a cultura em destaque na pauta urbana, como justificativa de valor, e, consequente, ferramenta de mobilização de recursos econômicos<sup>20</sup>. Dessa forma, a cultura é entendida como ferramenta chave para construção de uma imagem/marca de uma cidade.

Uma vez estando na vitrine e com sua imagem lapidada ao consumo, o entendimento e a leitura de uma cidade plural fica cada vez mais distante. Essa homogeneização dificulta a percepção das diferentes nuances e disputas da cidade, tanto as políticas quanto as socioeconômicas<sup>21</sup>. Assim, essa lapidação ao consumo ignora a diversidade e, por fim, compromete a autenticidade da cidade, em geral, e seus bairros, em particular. É nesse contexto que a análise de Zukin<sup>22</sup> ganha força, uma vez que ela pontua que a autenticidade é importante porque conecta nosso anseio individual a raízes em um tempo e lugar únicos. Ela faz referência a estética do local, mas também às conexões sociais que eles inspiram.

Contudo, é fundamental destacar as mudanças dessas representações ao longo do tempo em função de alterações no espaço urbano e na sociedade. Bonnemaison<sup>23</sup> avalia que a flutuação dos territórios no espaço é um reflexo do “jogo das forças sociais dominantes” e, indo

<sup>19</sup> FORTUNA, C.; SANTOS SILVA, A. **A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural.** In: SANTOS, Boaventura de Souza (org.). *A Globalização e as Ciências Sociais*, São Paulo: Cortez, 2002.

<sup>20</sup> ARANTES, O. **Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas.** In: Arantes, O. et al. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 2013.

<sup>21</sup> WANIS, A. **Cidade criativa: política urbana e cultural na reconstrução simbólica do Rio Olímpico.** V SEMINÁRIO INTERNACIONAL – POLÍTICAS CULTURAIS – 7 a 9 de maio/2014. Setor de Políticas Culturais – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil.

<sup>22</sup> ZUKIN, S. **Naked City: the death and life of authentic urban places.** Nova York: Oxford University Press, 2011.

<sup>23</sup> BONNEMaison, J. **Viagem em torno do território.** In: *Geografia cultural: um século (3)*. Org. CORRÊA, R. L.; ROSENDAL, Z. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 129.

além, ainda pondera que “o território tem necessidade de espaço para adquirir o peso e a extensão, sem os quais ele não poderia existir”<sup>24</sup>.

É importante destacar, ainda, que as cidades contemporâneas são sinônimas de heterogeneidade social e cultural, pois apresentam uma enorme diversidade de estilos e comportamentos sociais. No entanto, isso não as torna menos segregadoras e desiguais política e socialmente, pelo contrário. Mas é exatamente por isso que dela “emergem narrativas diversas que ora põem em evidencia a desorientação dos sujeitos e a perda do sentido de lugar, ora celebram o seu potencial democrático e emancipatório”<sup>25</sup>.

De modo complementar, Zukin<sup>26</sup> pontua que a análise de Walter Benjamin sobre a relação entre a reproduzibilidade técnica e a aura das obras de arte são uma referência válida também para as outras formas de cultura, incluindo as cidades. Ela avalia, ainda, que a autenticidade pode se tornar uma ferramenta poderosa para combater os efeitos negativos da homogeneização mas que, para tanto, a autenticidade deve ser redefinida como um direito cultural<sup>27</sup>.

Dessa forma, a discussão que está posta passa pela cidade compreendida como um bem cultural. O conceito é tratado aqui na perspectiva apresentada por Meneses, como uma cidade marcada por sentidos e valores, apropriada pela memória, consumida afetivamente e identitariamente. 6

---

É bom ter presente que a cidade (qualquer que seja seu conteúdo histórico específico) deve ser entendida segundo três dimensões solidariamente imbricadas, cada uma dependendo profundamente das demais, em relação simbólica: a cidade é **artefato, é campo de forças e é imagem**<sup>28</sup>

No entanto, há que se defender de cair em uma “fetichização” da paisagem que pode ser acarretada por essa valorização<sup>29</sup>. Em relação a esse processo, Mascarenhas identifica que ele opera no plano simbólico.

E este plano se tornou central para a acumulação capitalista, através do controle hegemônico das imagens e informações, cenário ideal para produzir lucrativas ilusões e camuflar as contradições. Mas a cidade mercadoria, espaço abstrato, império do valor

<sup>24</sup> *Idem*. p. 129.

<sup>25</sup> FORTUNA, C.; SANTOS SILVA, A. **A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural**. In: SANTOS, Boaventura de Souza (org.). *A Globalização e as Ciências Sociais*, São Paulo: Cortez, 2002. p. 423.

<sup>26</sup> ZUKIN, S. **Naked City: the death and life of authentic urban places**. Nova York: Oxford University Press, 2011.

<sup>27</sup> ZUKIN, S. **Naked City: the death and life of authentic urban places**. Nova York: Oxford University Press, 2011.

<sup>28</sup> MENESSES, U. **Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana**. In: Revista USP. São Paulo: Edusp, n. 30, p. 148-155, 1996. p. 148-149 (grifos meus).

<sup>29</sup> PAES-LUCHIARI, M. **Centro Histórico – Mercantilização e territorialidades do patrimônio cultural urbano**. In: Geographia, ano 7 7, n° 14. Niterói/RJ, UFF, 2006.

de troca, espaço concebido e globalizado, moldada para consumidores, confronta os conteúdos sociais da cidade concreta<sup>30</sup>.

Ele pondera, ainda, que esse processo “se aplica efetivamente a determinados ‘pedaços’ do tecido urbano, justamente porque ao grande capital somente interessa determinados espaços, e não o conjunto da cidade”<sup>31</sup>.

De modo complementar, é necessário destacar que na cidade existem territórios em disputa, onde estão em jogo lugares de memória<sup>32</sup>, confrontos de narrativas, permanências, rupturas, estratégias de afirmação, vozes que são amplificadas e outras, silenciadas. Afinal, a história da cidade também está nessa disputa de significados e no conflito, por exemplo, da informalidade que deve se submeter a um projeto civilizatório de enquadramento. Assim, Silva<sup>33</sup> considera que identidade e diferença estão, pois, em estreita conexão com a relação de poder, de modo complementar ele avalia que, a identidade e a diferença não são, nunca, inocentes.

Essa compreensão vai com encontro de uma reflexão proposta por Walter Benjamin em uma das teses sobre o conceito da história, ao evocar a necessidade de enxergar e narrar a história a contrapelo, de forma abrangedora e múltipla<sup>34</sup>. Assim, a premissa da presente pesquisa é de que percorrer a cidade também é, também, narrá-la a partir de leituras únicas. E que qualquer esforço de ler uma identidade única na cidade é vão e arbitrário. Nesse sentido, os livros apresentados a partir daqui são narrativas urbanas que evidenciam a não linearidade da cidade, ao contrário expõe seus acúmulos, sobreposições e incoerências.

A potência de uma leitura da cidade a partir de seus romances não reside apenas como força de relato, mas sim como fresta na cimentação homogênea da vida e da urbe. Dentre os livros propostos “Eles eram muitos cavalos” revela, desde seu formato, essa cidade-acúmulo de tantos anônimos. A proposta fica clara desde a epígrafe de Cecília Meireles “Eles eram muitos cavalos mas ninguém mais sabe os seus nomes, sua pelagem, sua origem...”, no poema ela se

<sup>30</sup> MASCARENHAS, G. **Cidade mercadoria, cidade-vitrine, cidade turística**: a espetacularização do urbano nos megaeventos esportivos. Caderno Virtual de Turismo. Edição especial: Hospitalidade e políticas públicas em turismo. Rio de Janeiro, v. 14, supl.1, s.52-s.65, nov. 2014. p. 63.

<sup>31</sup> MASCARENHAS, G. **Cidade mercadoria, cidade-vitrine, cidade turística**: a espetacularização do urbano nos megaeventos esportivos. Caderno Virtual de Turismo. Edição especial: Hospitalidade e políticas públicas em turismo. Rio de Janeiro, v. 14, supl.1, s.52-s.65, nov. 2014. p. 63.

<sup>32</sup> Lugares de memória para Nora (1993) são mais do que o mero registro de um local. É onde a dimensão simbólica está inscrita no próprio registro. In: NORA, P. **Entre história e memória**: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

<sup>33</sup> SILVA, T. **A produção social da identidade e da diferença** In: SILVA, Tomaz Tadeu da.(Org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Editora Vozes;, 2012

<sup>34</sup> LOWY, M. Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses ‘Sobre o conceito de história’. São Paulo: Boitempo, 2005.

propõe a reescrever a história desses vencidos. Assim a estrutura do romance de Ruffato se divide entre 70 recortes da cidade de São Paulo no dia nove de maio de 2000, e que não dialogam entre si. Nesse sentido, Dealtry<sup>35</sup> destaca que “o registro desse cotidiano não caminha no sentido de inventariar e classificar a exaustão desses indivíduos-objetos, mas construir índices que não revelem mais que um fragmento, um frame, de cada um desses personagens”. Nesses fragmentos que se acumulam é possível vislumbrar uma multidão de anônimos que são atropelados pelo cotidiano e que, em nada se parecem os relatos dos modernos que ao flanar pela cidade desafiam a velocidade imposta e se propõe, por exemplo a caminhar com uma tartaruga. Os sujeitos desses fragmentos estão, como bem aponta Giovanna Dealtry<sup>36</sup>, tem rotinas trancadas em seus trabalhos, escritórios, carros ou, ainda, estão constantemente massacrados com o cansaço diário e na prática são incapazes de ver a cidade.

Uma vez dentro dessa engrenagem os moradores parecem esfacelar seus vínculos com a cidade e, consequentemente, com os outros sujeitos. Isso porque, o ambiente urbano deve ser compreendido não somente como espaço da prática da arquitetura e do urbanismo deve, todavia, ser reconhecido como espaço da alteridade, do encontro com o outro. Indo além, é importante compreender que uma cidade construída a partir da arquitetura e urbanismo se desfaz. De modo complementar e bem humorado, Jacobs destaca que “se todos os contatos interessantes, proveitosos e significativos entre os habitantes das cidades se limitassem à convivência na vida privada, a cidade não teria serventia”<sup>37</sup>.

Outro livro que amplifica uma narrativa urbana é *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo. O romance narra o trajeto do personagem Pedro dentro de um ônibus que liga o centro da cidade à periferia. O trajeto é longo e o personagem, com o intuito de ‘matar o tempo’ usa um rádio de pilha e um livro sobre a vida e as ideias de Darwin. É tocante na narrativa do Pedro, a percepção de uma cidade em conflito, entretanto, é curioso observar que esse olhar é conduzido a partir dos relatos da Rosane, namorada dele. Com eles o leitor tem vivencia uma série de histórias e registros de uma cidade em constante disputa, inclusive de suas narrativas.

Cabe destacar, ainda, que o relato a partir do ônibus trás um outro viés de leitura da cidade. Isso porque a prática do “andar de ônibus” diz respeito ao deslocamento em um transporte coletivo pela cidade, o que se traduz também em “uma forma de diálogo com o ambiente urbano,

<sup>35</sup> DEALTRY, G. *O romance relâmpago de Luiz Ruffato: um projeto literáriopolítico em tempos pós-utópicos*. In: DEALTRY, Giovanna; LEMOS, Masé; CHIARELLI, Stephania. *Alguma prosa: ensaios sobre literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

<sup>36</sup> *Idem*.

<sup>37</sup> JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 60.

uma forma de interagir com a cidade”<sup>38</sup>. Paulo do Patrocínio destaca, ainda, que “o ônibus que corta a cidade não transita apena pelo território, mas também faz parte da paisagem e consome os espaços que frequenta”<sup>39</sup>.

Se, por um lado a efemeridade da paisagem urbana pela janela do ônibus constrói uma imagem fragmentada da cidade, por outro o ambiente interno do transporte coletivo é, possivelmente, um local de encontro com a diferença, com o outro. Nesse sentido o interior do transporte coletivo nas cidades se aproxima das calçadas que, tal qual observado por Jacobs “reúnem pessoas que não se conhecem socialmente de maneira íntima, privada, e muitas vezes nem se interessam em se conhecer dessa maneira”<sup>40</sup>.

Assim, essa cidade de anônimos são também a cidade do acúmulo de tantos e múltiplos anônimos com suas narrativas. Nesse sentido, a literatura produz novas subjetividades de sujeitos com o território urbano – como o Pedro que está dentro da cena. Sobre o tema Patrício, em referência a análise de Certeau<sup>41</sup> de que a cidade é uma guerra de relatos, pondera que

Ao ser classificada enquanto um palco de uma disputa discursiva, ela surge como espaço que se constrói não apenas em sua materialidade física, mas, igualmente, no próprio ato de narrá-la. A edificação da narrativa resulta no estabelecimento de uma imagem que entra em choque com outras imagens já existentes, evidenciando a perpetuação de uma guerra de relatos. (...) Por esse viés, não se trata do estabelecimento de relatos enquanto verdades acerca da cidade, mas, sobretudo, como construções discursivas que refletem a subjetividade do próprio sujeito que as produziu<sup>42</sup>

Nesse sentido, se as cidades por um lado empurram sujeitos para dentro de uma engrenagem homogeneizante, por outro são, ainda, um convite as diversas formas de fraturas e resistências presentes desde a malandragem até a literatura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, em síntese, a pesquisa se propõe a observar a cidade a partir de sua vitalidade, usando como chave de leitura do tecido urbano a literatura. Para tanto, a cidade assumida como leitura implicou em refletir brevemente sobre as tensões que existem nessa leitura e como as subjetividades da cidade dialogam com os livros escolhidos.

É importante destacar que a presente pesquisa não pretende encerrar o assunto, ao contrário, o objetivo é encontrar correlações e traçar paralelos que contribuam para a reflexão e o esforço urgente de ler a cidade, também, “a contrapelo”. Assim, não se trata também de uma

<sup>38</sup> PATROCÍNIO, PRT. *Ler a cidade pela janela de um ônibus*. Providence, ano 26, n. 48. Brasil, 2013. p. 36.

<sup>39</sup> *Idem*. p. 37.

<sup>40</sup> JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 60.

<sup>41</sup> CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

<sup>42</sup> PATROCÍNIO, PRT. *Ler a cidade pela janela de um ônibus*. Providence, ano 26, n. 48. Brasil, 2013. p. 44-45.

tentativa de hierarquizar as distintas narrativas sobre a cidade, mas sim de corroborar que a vitalidade e a multiplicidade do tecido urbano possuem uma estreita relação também com a qualidade com a qual sujeitos se relacionam entre si e se apropriam das cidades.

Nesse caso, a reflexão da pesquisa é, para usar uma analogia de Certeau<sup>43</sup>, apenas uma parte dessa bricolagem de tantas possíveis leituras da cidade e cotidianos que formam a cidade do Rio de Janeiro. E, se estamos ligados a eles pela memória, entender como essas modificações e apropriações ocorreram ao longo do tempo e no espaço é fundamental, inclusive, para refletir sobre a apropriação da cidade daqui para frente e suas possíveis leituras, mas principalmente refletir sobre ações que tornem as cidades mais legíveis aos mais diversos sujeitos que percorram as complexas malhas urbanas. Que eles possam se apropriar e interferir no tecido, com mais tempo e qualidade.

Isso porque existe uma relação íntima que pode ser estabelecida, a partir da leitura da Jane Jacobs<sup>44</sup>, entre a diversidade e vitalidade urbana. Nesse sentido tão mais cheia de vida será a cidade, quanto mais diversas e múltiplas forem as leituras das cidades e do balé de suas calçadas. De forma complementar, ela destaca que a diversidade urbana é uma mistura de acaso com caos e que está é a melhor estratégia para ligar com o que ela convencionou chamar de a grande praga da monotonia.

Por fim o trabalho é, ainda, uma ode a uma sociabilidade urbana que considere tanto a racionalidade geométrica da urbe quanto o emaranhado de existências humanas. De cidades que se permitam ler e que convidem os sujeitos a relatarem e partilharem suas leituras.

---

10

## REFERÊNCIAS

- ARANTES, O. **Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas**. In: Arantes, O. et al. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BARTHES, R. **A aventura semiológica**. Lisboa: Edições 70, 1985
- BONNEMaison, J. **Viagem em torno do território**. In: *Geografia cultural: um século (3)*. Org. CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 129.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DEALTRY, G. **O romance relâmpago de Luiz Ruffato: um projeto literáriopolítico em tempos pós-utópicos**. In: DEALTRY, Giovanna; LEMOS, Masé; CHIARELLI, Stephania. *Alguma prosa: ensaios sobre literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

---

<sup>43</sup> CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

<sup>44</sup> JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FIGUEIREDO, R. *Passageiro do fim do dia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FORTUNA, C.; SANTOS SILVA, A. **A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural**. In: SANTOS, Boaventura de Souza (org.). *A Globalização e as Ciências Sociais*, São Paulo: Cortez, 2002.

GOMES, P. C. **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 41.

LA ROCCA, F. **A construção social das emoções: corpo e produção de sentidos na comunicação**. (Org.) Denise da Costa Oliveira Siqueira. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LE BRETON, D. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 9.

LOWY, M. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. Uma leitura das teses ‘Sobre o conceito de história’. São Paulo: Boitempo, 2005.

MASCARENHAS, G. **Cidade mercadoria, cidade-vitrine, cidade turística**: a espetacularização do urbano nos megaeventos esportivos. *Caderno Virtual de Turismo*. Edição especial: Hospitalidade e políticas públicas em turismo. Rio de Janeiro, v. 14, supl.1, s.52-s.65, nov. 2014. p. 63.

MENESES, U. **A cidade como bem cultural – Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance na preservação do patrimônio ambiental urbano**. In: MORI, Victor Hugo et alli. (Org.) *Patrimônio: atualizando o debate*. São Paulo: 9<sup>a</sup> SR. IPHAN, 2006. p. 36.

MENESES, U. **Morfologia das cidades brasileiras**: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. In: Revista USP. São Paulo: Edusp, n. 30, p. 144-155, 1996. p. 148-149 (grifos meus).

PAES-LUCHIARI, M. **Centro Histórico – Mercantilização e territorialidades do patrimônio cultural urbano**. In: *Geographia*, ano 77, nº 14. Niterói/RJ, UFF, 2006.

PATROCÍNIO, PRT. **Ler a cidade pela janela de um ônibus**. Providence, ano 26, n. 48. Brasil, 2013. p. 34.

RUFFATO, L. **Eles eram muitos cavalos**. 11<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SILVA, T. **A produção social da identidade e da diferença** In: SILVA, Tomaz Tadeu da.(Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012

WANIS, A. **Cidade criativa: política urbana e cultural na reconstrução simbólica do Rio Olímpico**. V SEMINÁRIO INTERNACIONAL – POLÍTICAS CULTURAIS – 7 a 9 de maio/2014. Setor de Políticas Culturais – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil.

ZUKIN, S. **Naked City: the death and life of authentic urban places**. Nova York: Oxford University Press, 2011.